



# CONTRÁ-CORRENTE

A análise da conjuntura econômica na visão e linguagem do sindicalismo classista e dos movimentos sociais

Boletim quinzenal de conjuntura econômica do ILAESE

Ano 02, Nº 30 - 15 de Novembro de 2012

## Nova classe média ou nova classe trabalhadora?

*Desde 2004, cerca de 20 milhões de brasileiros saíram da situação de pobreza. De fato, são números positivos e expressivos. Mas expressam o quê?*

por Daniel Romero

Segundo o governo, significam que o Brasil se tornou um país de classe média, classe que contaria com mais de 95 milhões de pessoas, correspondendo a um pouco mais de 50% da população.

Recentemente o governo, por meio da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), estabeleceu uma classificação oficial das classes de renda no Brasil.

Em valores atuais, a classe média teria renda familiar *per capita* entre R\$ 291 e R\$ 1.019.

É evidente que, com uma renda tão baixa, o termo classe média é questionável e tem um forte apelo demagógico.

Mesmo forçando as cores nos nomes, houve expansão da renda dos setores mais pobres e é esta dinâmica que vale a pena ser analisada.

Em função disso, o Contra-corrente inicia com este boletim uma série de três materiais sobre a **Política salarial nos governos Lula e Dilma e mobilidade social no Brasil**.

Nosso propósito cen-

tral é responder à seguinte questão: **o Brasil se tornou um país mais justo socialmente nos últimos 10 anos?**

Nesta quinzena, vamos analisar a tese da “Nova Classe Média”.

O que é e quem é a classe média? Quais os critérios utilizados pelo governo para defini-la?

Qual a sua relação com o restante da classe trabalhadora?

A suposta nova classe média significa mudanças estruturais nas relações entre capital e trabalho?

# Quem (não) é a classe média

*Uma pessoa que vive com um salário mínimo pode ser considerada de classe média? Para o governo brasileiro, a partir de agora pode.*

A Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), órgão ligado à Presidência, recém lançou uma classificação oficial das classes de renda no Brasil.

Os absurdos saltam à vista imediatamente. A classificação do governo é errada conceitualmente, claramente demagógica e distorce a realidade social.

Quem ganha um salário mínimo pertenceria à classe média, mesmo que este valor equivalha atualmente a apenas duas cestas básicas.

Igualmente absurdo é imaginar que os professores das redes estaduais e municipais, que estão fazendo greve no Brasil inteiro para conseguir a implementação do Piso Nacional, seriam considerados de classe alta pelo governo.

Isso ocorre porque a classificação das classes de renda do governo parte de um “erro” básico.

Segundo a SAE, a classe média foi estabelecida a partir da **mediana das rendas**. Ou seja, a partir da renda que divide

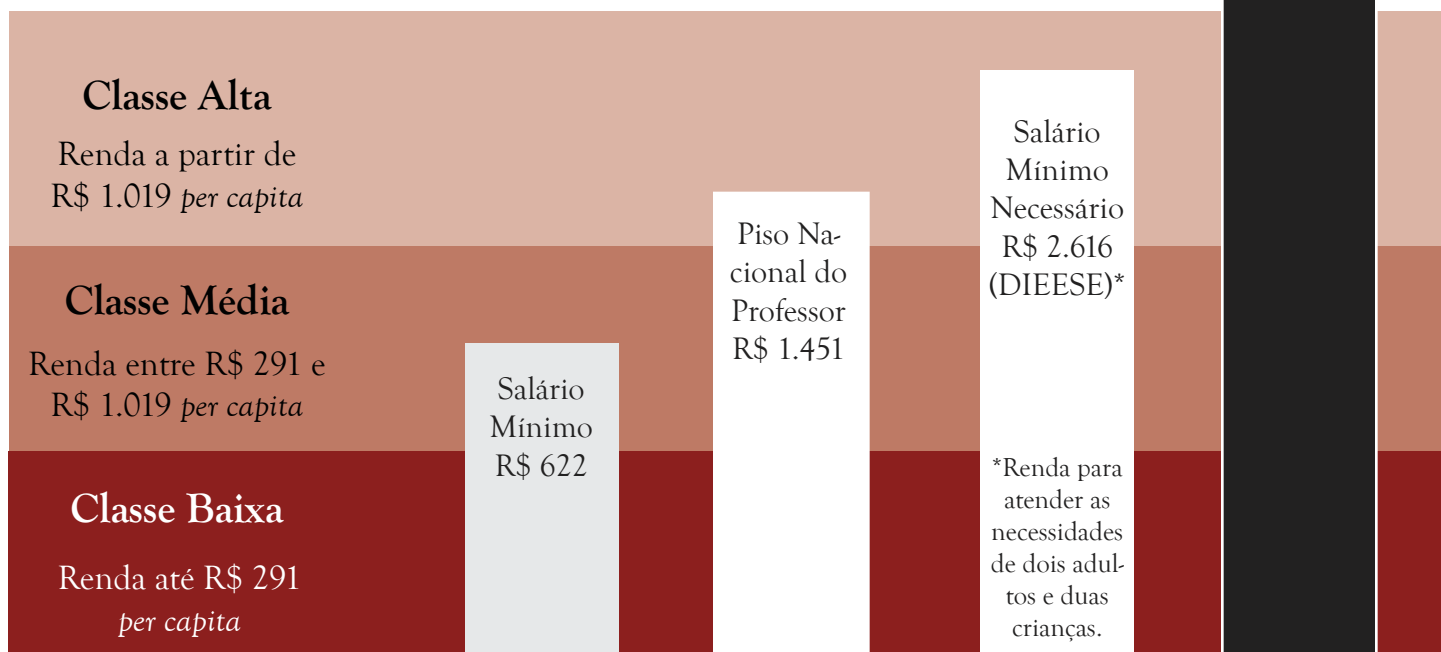
a população em duas. Este valor é de R\$440.

Isso significa que 50% da população possuem renda familiar *per capita* inferior a R\$440 e 50% possuem renda superior a este valor.

O problema é que, com este critério, o da mediana, por definição praticamente todos os países seriam de classe média, do Haiti à Suíça, só mudando a faixa de renda.

Como se vê, tal classificação esconde mais do que revela sobre a realidade brasileira. ●

Salário  
Deputado  
Federal e  
Senador  
R\$ 26.700



# O que é a classe média?

*É evidente que a renda tem um peso importante para a definição da classe média, mas ela não é suficiente. A classe média não se define pela quantidade de carros, TVs ou banheiros.*

As classes médias são aquelas que, mesmo sem comporem as grandes classes proprietárias, pois continuam vivendo do seu próprio trabalho, se diferenciam das outras frações da classe trabalhadora por terem acesso a um recurso escasso, podendo ser monetário, de prestígio social ou de poder político.

Em países muito desiguais, como o Brasil, o simples acesso ao ensino superior já promove uma grande diferenciação social e é justamente ele que tem sido a base da formação das classes médias no país: contingentes de médicos, advogados, arquitetos e outros profissionais liberais; engenheiros, segmentos do serviço público, trabalhadores de escritório e outros assalariados de nível superior etc.

Como é de se esperar na sociedade capitalista, **a classe média não é efetivamente a média dos rendimentos, mas um espaço de exclusão e de diferenciação social justamente dos setores majoritários.**

## Elementos que contribuíram para a elevação da renda (2001-2011)

Trabalho	76 %
Previdência	21 %
Bolsa Família	3 %

*Fonte: IPEA. "A Década Inclusiva" in: Comunicados do IPEA no. 155. Setembro de 2012. pp. 32. Elaboração ILAESE.*

Nos países muito injustos sociamente, a classe média é a fração da classe trabalhadora que escapou da barbárie social e que é fundamental para o funcionamento do Estado e reprodução das relações de trabalho.

### Ascensão social na última década

À parte a demagogia dos rótulos, houve um processo de mobilidade social ascendente dos setores mais pauperizados na última década no Brasil e é isto que vale a pena ser analisado.

Aquilo que o governo chama de nova classe média representava 38% da população em 2001, passou para 49% em 2009 e estima-se que são 54% em 2012.

Ao mesmo tempo, os

pobres teriam passado de 48% em 2001 para 34% em 2009.

Segundo o IPEA, muito mais do que os programas sociais, foi a renda do trabalho a responsável por esse processo (vide tabela).

Isso foi possibilitado pelo crescimento econômico que, por sua vez, contribuiu para o aumento da formalização do trabalho, a redução do desemprego e pelos ganhos reais do salário mínimo.

Não se pode subestimar, também, o papel que a organização sindical teve neste momento.

O cenário acima estabeleceu condições mais favoráveis de negociação, de modo que na segunda metade da década passada, a maioria das catego-

rias conseguiu reajustes salariais superiores à inflação.

### Alta burguesia: uma classe invisível

Ainda assim, estamos muito longe de sermos um país de classe média.

A concentração de renda no Brasil é tão brutal que a famosa mensagem do Ocupe Wall Street, de que os trabalhadores são 99% da população, não é suficiente para expressar a realidade brasileira.

A grande burguesia no Brasil representa bem menos de 1%.

Podemos ver isso pelos ganhos de quem têm as maiores rendas: aquele que ganha R\$ 1.615, um pouco acima do Piso do Professor, já está entre os 10% com maior renda.

E mesmo quando selecionamos a renda do 1% mais "rico", nela seguramente fazem parte pessoas que vivem do seu próprio trabalho, pois a renda destes começa em R\$ 11.000, valor ainda muito distante do estilo de vida de "Eikes Batistas e Daniel Dantas". ●

# Redução da desigualdade à brasileira

*A expansão da renda dos mais pobres foi combinada com a precarização dos menos pobres*

**E**mbora tenha havido expansão da renda dos mais pobres, também estamos vivendo o processo inverso: setores que até então seriam considerados de classe média estão se assalariando, pauperizando-se e perdendo prestígio social.

E setores da classe trabalhadora até então com mais proteção social, estão mais vulneráveis.

É o caso de profissões que, de tradicionalmente autônomas, cada vez mais estão submetidas ao assalariamento, com jornada de trabalho pré-estabelecida e relações de trabalho hierarquizadas.

Esta situação é cada vez mais comum entre médicos, advogados, dentistas e arquitetos.

O mesmo ocorre com trabalhos assalariados que, há algumas décadas, eram sinônimos de proteção social e barreira contra à precarização do trabalho, mas que atual-

mente perderam completamente este perfil.

Bancários, servidores públicos, professores universitários e engenheiros vivem uma mobilidade social descendente, principalmente em relação à jornada excessiva e condições de trabalho.

Por fim, categorias que tradicionalmente não são consideradas de classe média em função do preconceito social, mas que obtiveram rendimentos superiores à media nacio-

nal, como metalúrgicos, eletricitários e petroleiros, também estão sujeitos ao mesmo processo de precarização das condições de trabalho e renda.

## **Ampliação precária da classe trabalhadora**

**Ao invés de nova classe média, estamos vivendo um processo complexo de ampliação da classe trabalhadora.**

Uma ampliação sob o signo da precariedade e do sobretrabalho, é nisso que se resumiu o projeto de transformação social

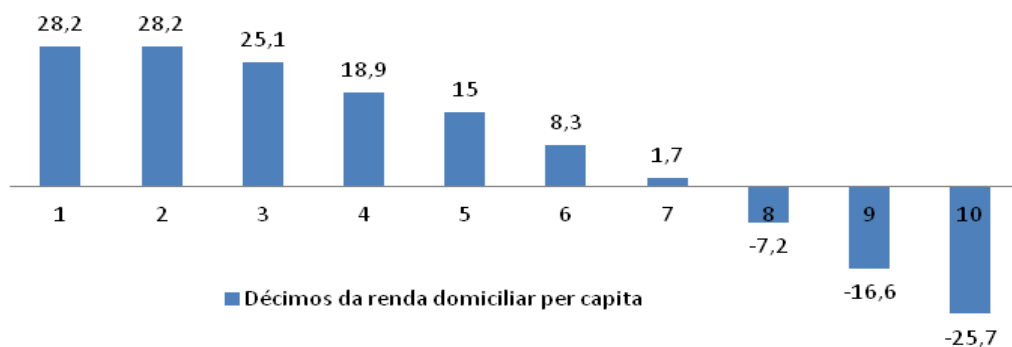
do PT.

O debate sobre a “nova classe média” tem um significado mais profundo, para além da manipulação grosseira dos seus rótulos.

Seu problema não está onde ela começa, mas onde termina. Pois é neste momento que o governo dá um recado ao trabalho: “daqui não passarás!”.

É também uma promessa ao capital. Felizmente, bem sabemos que governos não são bons em cumprir promessas. ●

**Evolução real da renda domiciliar per capita 2003-2011 (em %)**



Fonte: IPEA. “A Década inclusiva (2001-2011): Desigualdade, Pobreza e Políticas de Renda” In: *Comunicados do IPEA*, no. 155 (Setembro de 2012), pp. 25. Elaboração e correção pela inflação do período: ILAESE.

## EXPEDIENTE

**Coordenação Nacional do ILAESE:** Cristiano Monteiro, Daniel Romero, Érika Andreassy, Luci Praun, Nando Poeta e Nazareno Go-deiro. **Contato:** Praça Padre Manuel da Nóbrega, 16 - 4º andar. Sé - São Paulo-SP. CEP: 01015-000 - (11) 7552-0659 - [ilaese@ilaese.org.br](mailto:ilaese@ilaese.org.br) - [www.ilaese.org.br](http://www.ilaese.org.br). CNPJ 05.844.658/0001-01. Atividade Principal 91.99-5-00. **Contra-corrente** é uma publicação quinzenal elaborada pelo ILAESE para os sindicatos, oposições sindicais e movimentos sociais. **Editor responsável:** Daniel Romero.